

Os Campos de Altitude do Brasil Meridional nos relatos dos viajantes Nicolau Dreys e Robert Avé-Lallemant

ESTHER MAYARA ZAMBONI ROSSI*

SAMIRA PERUCHI MORETTO**

Os campos são uma fitofisionomia marcante no Rio Grande do Sul, predominante no Bioma Pampa, mas também presentes nos Campos de Cima da Serra. Os Campos de Altitude do Rio Grande do Sul e Santa Catarina são fitofisionomias que fazem parte do Bioma Mata Atlântica e ocupam cerca de 1.374.000 hectares que correspondem a 7,9% dos 10, 8 milhões de hectares de Campos dos dois estados. (BOLDRINI, 2009: 9) Uma de suas características principais é a formação em Mosaicos, ou seja, campos entremeados pela Floresta Ombrófila Mista que é a Floresta destacada pelos viajantes por suas numerosas araucárias.

A Floresta de Araucária serpenteia o curso dos rios protegendo as nascentes, exercendo um importante papel na preservação do ecossistema e da biodiversidade da Mata Atlântica. A característica de mosaico suscitou inúmeras investigações de naturalistas ao longo do tempo, como Lindman (1906) que acreditava em uma conjuntura de transição entre Campos do Sul e a Floresta Tropical ao Norte. (PILLAR, 2009:15) A hipótese mais utilizada atualmente considera que os Campos desta região constituem uma formação anterior ao surgimento da floresta atual, a qual começou a se expandir a cerca de quatro mil anos. Campo e Floresta formam uma dicotomia paisagística que permeia o imaginário e a construção sociocultural local. Podemos analisar esta fitofisionomia como uma paisagem e isso requer que levemos em consideração que a mesma “apresenta várias dimensões privilegiadas por várias matrizes epistemológicas. Sendo assim, ela tem uma dimensão morfológica e uma dimensão funcional, uma dimensão espacial e uma dimensão histórica” (SILVA, 2007:199). A paisagem pode ser entendida como a delimitação de um olhar, ou melhor, da subjetividade de um sujeito.

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História CFH/UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil, Bolsista REUNI. estherrossi_@hotmail.com

** Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História CFH/UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil. Bolsista CNPq. samiraperuchimoretto@yahoo.com.br. Auxílio Financeiro: CNPq e Capes.

Afigura-se-me ser este o ato espiritual com que o homem modela um âmbito de fenómenos e o insere na categoria de "paisagem": uma contemplação em si reclusa, apercebida como unidade auto-suficiente, entrançada, porém, numa extensão infinitamente ampla, numa torrente vasta, e guarnecida de limites que não existem para o sentimento do Uno divino e do todo da natureza, o qual reside em baixo, noutro estrato. (SIMMEL, 2009:6)

A paisagem deve ser compreendida de forma objetiva, por exemplo, quando verificamos as transformações do desmatamento e de forma subjetiva, analisando as representações e interações com os grupos humanos ao longo do tempo. Sendo assim:

O estudo da paisagem ao que se percebe, após estas ponderações, pode revelar a história de grupos humanos uma vez que se entende que esta reflete a cultura, o modo como vivem as pessoas com o seu entorno. Logo, é a própria história do homem que se traduz nessa categoria. Se de início afirmamos a materialidade desse objeto, dado ao seu aspecto visível e palpável é, contudo, no seu lado talvez mais invisível, que se expressa o caráter dinâmico que definirá, inclusive, o que será visto e revelado pelo olhar. O homem participa desse processo, tanto como agente morfológico quanto do significado. (SILVA, 2007: 212-213)

A paisagem é composta por uma amplitude imensa, cada conexão entre as unidades que a compõe formam uma variedade de “unidades de impressão” (SIMMEL, 2009: 8). O viajante enquanto sujeito está enquadrado dentro das significantes que lhe são caras olha, sente, toca, e interagindo transforma e é transformado em paisagem. Inúmeros viajantes que ao longo do tempo atravessaram o Brasil relataram seus percursos subjetivando-o conforme seus princípios e objetivos.

A dificuldade de vencer os obstáculos cravados pela topografia do planalto, paralela à falta de estradas não limitou a visita de estrangeiros à região. Foram inúmeros viajantes e pesquisadores que relataram sobre o planalto meridional brasileiro. Na primeira metade do século XIX dois viajantes exploraram esta região e relataram estas paisagens de forma peculiar. Este artigo busca analisar os relatos, do comerciante francês Nicolau Dreys e do médico alemão Avé-Lallemant, sobre os Campos de Altitude do Rio Grande do Sul e Santa Catarina no início do Século XIX. Os relatos sobre esta fitofisionomia enquadram-na conforme o mundo conhecido do viajante. Da mesma forma os diferentes interesses



profissionais, por exemplo, a preocupação sanitária do médico Avé-Lallemant e as preocupações com as formas de comunicação do comerciante Nicolau Dreys.

Nicolau Dreys nasceu em 1781 no departamento de Meurthe na França viaja para o Brasil em 1815 provavelmente por motivos políticos. Em 1817 vai pela primeira vez a Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, mas somente de 1818 a 1827 reside em Porto Alegre e faz inúmeras viagens pelo interior da Capitania, dessas incursões que surge o volume “Notícia descritiva da Província de Rio Grande de São Pedro do Sul”, publicado em 1839. Na introdução o autor descreve a obra como um resumo de uma grande análise sobre esta província. O autor acredita ser de extrema importância um relato aprofundado com descrições geográficas e biológicas, deixando um grande espaço também para a paisagem humana. Fazendo críticas a Olway, Allois, Isabelle, Douville e escritores que não estiveram nos locais que originaram seus relatos, Dreys afirma sua peculiaridade perguntando:

Que utilidade pode tirar o topografo, o naturalista, o publicista, e em geral do mundo literato, dos graciosos apontamentos tomados de corrida por essas rápidas aves de passagem, que vindo do velho hemisfério repousar a ciência com o aroma de suas matas, e consideram-se assim habilitados para tudo conhecer e tudo dizer, como a Pitia Delfica, sob as aspirações súbitas de uma exaltação enganadora e fugitiva? (DREYS, 1961:36)

Por ter fixado residência no Brasil em Porto Alegre, Rio de Janeiro e na Vila de Iguape, em São Paulo, coloca-se gabaritado a descrever, ao que a seu ver são as características principais da província.

(...) levado sucessivamente a todos os pontos da província por especulações de comercio, viu-se em posição de conhecer perfeitamente os homens e as cousas, e não se deve recear que as saudosas impressões de que acabamos de falar impregnem seus pinceis de cores officiosamente lisonjeiras: é este um pais que não se pode adular: uma natureza tão rica, dotada de tantos elementos de atração, não requer do historiador senão verdade. (DREYS, 1961: 35)

A natureza nestes relatos é vista como algo indivisível, dessa maneira possuindo um centro, pensada da raiz para o caule não rizomaticamente, para usar uma analogia biológica (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Desta forma a natureza no fundo teria uma verdade a ser revelada, dever que muitos viajantes tomavam pra si.

Robert Christian Barthold Avé-Lallemant, médico alemão nasceu em Luebeck em 1812, viajou por países na Europa, o Egito e o Brasil onde se estabeleceu de 1837 a 1855. Por indicação de Alexandre Von Humboldt, parte de Trieste como um dos médicos da fragata Novara, desentendendo-se com o comandante desembarcou no Rio de Janeiro onde fixou moradia novamente e então pode empreender suas viagens de norte a sul. (AVÉ-LALLEMANT, 1953) Destas viagens resultaram os livros *ReisedurchSüd-Brasilien* (1858) e *ReisedurchNord-Brasilien* (1859).

Com uma narrativa aparentemente comprometida com os pormenores da viagem e suas vicissitudes, tem a preocupação sanitária latente e também da descrição botânica e geográfica. No livro *Viagem pelo Sul do Brasil* de 1858, no prefácio esclarece que seus relatos são influenciados pelos inúmeros sentimentos que afloraram com o percurso.

Escrevi estas paginas debaixo de árvores, em choças, entre europeus, negros, índios e mestiços, às vezes em cômoda situação de vida, às vezes constrangido as mais duras privações, sem tecto, sem cama, sem comida e sem bebida. Numa penosíssima expedição as selvas, tive de vadear rios e pântanos, de pés descalços, guiado apenas pela bussola.(...)Em qualquer caso, o quadro que delas esbocei é conscienciosamente desenhado ao natural. (AVÉ-LALLEMANT, 1953: 1)

Detêm-se na descrição das colônias alemãs, onde acredita ter encontrado uma continuação da civilização europeia. (CORREA, 2005: 236) Apesar de sempre agradecido a hospitalidade e a ajuda que recebeu ao longo da estrada das mais diversas pessoas, não esconde suas ressalvas com as culturas locais. (CORREA, 2005: 236) As paisagens por ele formadas e enquadradas são de viajante interessado em apreender a organização familiar, as características arquitetônicas e as práticas cotidianas. Quando descreve a paisagem o viajante também mantém um controle simbólico (MARTINS, 2011: 22), colocando-se como possuidor da “verdade” da natureza “natural” e portador da civilização, como se refere Avé-Lallemant na citação acima.

No Livro *Viagens pela Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo*, Robert Avé-Lallemant, emoldura a vista dos Campos de Altitude, primeiramente com seus elementos de flora e fauna e depois tece parágrafos sobre os costumes locais.

Colinas, sucedem-se a colinas, uma encosta relvada domina a outra, uma cadeia de serras segue a outra; tudo é uma confusa terra de pasto, em cujas íngremes

vertentes ressaltam inúmeras massas de pedra-de-areia cobertas de líquens, ou tudo é coberto de densas matas de araucárias. Neste planalto, essas vigorosas colunas vegetais sobem, aos milhões, de profundos desfiladeiros e trepam as mais íngremes encostas ate aos píncaros das empinadas coxilhas-floresta escura, silenciosa, grave, que eu poderia chamar com propriedade de floresta negra.(AVÉ-LALLEMANT, 1980:50)

A descrição tenta formar uma imagem inteligível e perceptível para quem a lê, utilizando artifícios como a comparação com objetos conhecidos, o uso de tonalidades e sons. Apesar de a primeira vista os Campos remeterem ao oposto de Floresta, percebe-se nesse relato a formação em Mosaico desta paisagem. A Floresta de Araucária chama a atenção constantemente do viajante por possuir exemplares altos com um sub-bosque denso, abrigando espécies endêmicas.

Hospedado na fazenda de Juca Velho ao sair em direção a Lages, no Estado de Santa Catarina, atravessando o Pelotas percebe que a fazenda está situada no Rio Grande do Sul. Durante o percurso observa que o povoamento é escasso. O isolamento das estancias segundo Avé-Lallemant provocava uma espécie de abandono sentido através da falta de cuidados médicos(AVÉ-LALLEMANT,1980: 60).

Mas mesmo essa timidez espantadiça do gado, alhures tão pacífico, da a região o colorido da selvageria e abandono. No sentido próprio da palavra, poderíamos considerar esse gado em fuga a caça grossa das florestas de araucárias e julgar estarmos em pleno estado primitivo da Natureza. (AVÉ-LALLEMANT,1980: 60)

O isolamento da Altitude, o frio e imensidão dos Campos na visão dos viajantes liga-se ao que é primitivo. Nestas áreas “isoladas” a natureza tomaria todos os espaços, se contrapondo a natureza-europeia. Nicolau Dreys, em Notícias descritivas do Rio Grande do Sul preocupa-se em tentar delimitar a paisagem:

Tais são campos do Alto da Serra: em parte ocupados por matos mais ou menos extensos; em parte e na maior extensão, cobertos de pastos quase sempre abundantes e substanciais; sua elevação acima do nível do mar permite o desenvolvimento de algumas plantas alpinas, e deixa as flores derramar um aroma mais intenso; porem, bem que mimoseado de tudo o que pode fazer lo produtivo e agradável, o pais por ora tem todos os inconvenientes das terras desertas, isto é, venenos misturados aos vegetais alimentarios, miríades de insetos daninho, multiplicação incomoda das aves de rapina que não deixam crescer filhinhos dos quadrupedes domésticos, mormente os cordeiros, a que dão a morte, arrancando-lhes os olhos; oirem, sabe-se que basta a presença do homem para remover esses

males, e se algum dia, como é de esperar, a população tomar conta do país, a suavidade do clima, a pureza das águas e a fecundidade do solo asseguram aos habitantes uma das mais deliciosas moradas que se possam escolher no continente brasileiro. (DREYS, 1961:69-70)

A terra “deserta” segundo o viajante tem muitos inconvenientes naturais, em ambos os relatos dos viajantes, está presente a ideia de que esta região deveria ser mais povoada para controlar a natureza. Dreys lembra que a mansidão é quebrada pelo movimento das tropas muars, avalos e gado. (DREYS, 1961:68) Segundo Eunice Nodari (2009:42), as visitas e os relatos escritos estavam vinculados a diferentes interesses. No caso de Santa Catarina, como também ocorreu no Rio Grande do Sul, muitos viajantes vinham com a intenção de descrever a situação local prevendo a vinda de imigrantes europeus.

Existem outras características comuns nos dois relatos, uma paisagem concomitante com a tensão e medo é formada baseada nos ataques de indígenas a estancias e viajantes. A paisagem que os indígenas ocupam nos relatos é a das densas Florestas o que demonstra como ao longo do tempo eles foram se refugiando nas matas. A região norte e nordeste do Rio Grande do Sul segundo estudos etnolinguísticos foi ocupada a cerca de três mil anos pelos Kaingang, possuindo uma intensa relação com a paisagem dos Campos de Altitude:

(...)Kaingang de acordo com Mota, designaria uma intrínseca relação com o seu ambiente, pois o termo significa povo do mato. “A auto identificação como parte do meio ambiente, isto é, como ‘gente do mato’, remete à noção de um meio ambiente determinado enquanto constitutivo de sua identidade”. Apesar desta designação, os Kaingang também ocuparam as extensas áreas limítrofes às florestas. Áreas tradicionalmente marcadas pela presença de campos ou apenas com alguns capões de mato, foram intensamente ocupadas por estes indígenas. (BRINGMANN, 2010: 25)

Com a ocupação da região os indígenas foram adentrando cada vez mais na mata. A paisagem de medo era incentivada por um constante estado de alerta a ataques por parte dos indígenas, muitas vezes reação às denominadas “correrias” que tinham como objetivo a expulsão e extermínio dessas etnias.

Na dicotomia entre Campo e Floresta os viajantes traçam uma narrativa de comparação, que atribuem as diferentes paisagens. A diferenciação é observada na comparação entre os Campos de Altitude e os Campos do Bioma Pampa, Avé-Lallemant

afirma que: “E confesso com toda a franqueza preferir viver na mais isolada estancia, nas ultimas fontes do Uruguai, a viver em Lages.” (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 82)

Outra narrativa binária é a que compara os colonos alemães com os lavradores nacionais. Para Avé-Lallemant a vida dos colonos alemães na mata fechada não tem as perturbações do que acredita ser fruto da preguiça dos habitantes dos Campos. Na vila de Lages foi recebido por um alemão chamado Trüter, relata que existiam famílias de artificies que se mudaram de São Leopoldo para esta região. Observando as produções da cidade contrapõe os camponeses da região com o colonos alemães, para ele os colonos transformariam a cidade pois não são “preguiçosos” como os camponeses. (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 69)

A migração das primeiras colônias de imigrantes, como São Leopoldo no Rio Grande do Sul, para outras áreas fica evidente neste relato. Mesmo que em menor intensidade que no início do século XX, a região de Campos atraiu imigrantes e migrantes. As diferenças na forma de produzir e organizar o comércio e as propriedades rurais são ressaltadas por Avé-Lallemant.

Sobre o Município de Vacaria Nicolau Dreys faz um breve relato, onde destaca também uma paisagem de mosaico, pouco habitada:

(...)chega-se a freguesia de Nossa Senhora da Oliveira de Vacaria depois de se haver percorrido pouco mais de 10 leguas: a presença dos homens pouco fez em benefício desses lugares; suas moradas foram construídas pela necessidade: ali não aparece luxo algum; todavia, o leitor já sabe, pelas descrições precedentes, que a mesquinhez dos homens foi sobejadamente suprida pelas liberalidades da natureza. (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 127)

Para Dreys, diferentemente de Avé-Lallemant as estradas eram boas, porque eram feitas de Campos livres e muitos cursos d'água, sendo percursos feitos pela natureza, esta natureza supriria o aparente isolamento e a falta de estrutura. No trecho acima Dreys traça um perfil das casas também, não tão complexas quando as estancias vistas por ele no Pampa.

Nas casas onde eram hospedados, tinham a oportunidade de observar com detalhes a paisagem humana. Nessas casas veem simplicidade e rusticidade nos móveis e arquitetura, já a demonstração de riqueza está nas vestimentas de montaria, na espora e demais apetrechos de prata. Para Avé-Lallemant era inconcebível perceber que muitas casas não utilizavam a madeira de araucária para a mobília, segundo ele uma típica casa do planalto deveria fazer uso

dessa madeira mais forte e bela. (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 63) Em outras casas de trabalhadores ou pequenos proprietários também se fazia uso da araucária: “no centro do celeiro há um fogo feito no chão. Ao lado há um banco de madeira de araucária e, sobre ele, a vasilha com cuscuz e leite.” (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 61)

Analisando as paisagens dos Campos de Altitude de Nicolau Dreys e Avé-Lallemant percebe-se que a dualidade entre Campo e Floresta influenciou não somente o modo de vida Kaingang, mas também sua ocupação pelos colonizadores. Estas diferenças na paisagem influenciaram a densidade demográfica, como explica Zarth “(...) estas condições não estavam relacionadas com o relevo ou a presença de grandes rios ou com o clima, como é comum em outras regiões. As diferentes paisagens culturais estavam delimitadas pela presença do campo nativo ou da floresta”. (ZARTH, 2002:52)

Estas paisagens colaboraram para formar uma ideia a cerca do que é a vida nesta região de mosaicos, compondo uma conexão entre campo/gado, altitude/solidão, assim sendo um lugar não de habitação, mas de transito como parte da rota dos tropeiros. Estas concepções como aprendemos com Edward Said não são naturais e sim historicamente construídas, formando o que chamou de “geografia imaginativa”. (MARTINS, 2011: 25)

Percebe-se que o recurso linguístico utilizado para dar entendimento ao texto de comparação não se retêm somente nas descrições das paisagens da natureza, mas vão as paisagens humanas. O modo de organização da propriedade colonial e da grande propriedade diferencia-se também entre Campo e Floresta.

Desse modo as diferentes culturas interagem diferentemente com o ambiente no cotidiano na busca pela sobrevivência. Campos assim como “coxilhas” não significam mais somente uma denominação geográfica, mas trazem consigo uma carga de características pré-estabelecidas de práxis, povos, cores, formando uma paisagem de diferentes vicissitudes.

No entanto esta ocupação trouxe consigo consequências para a paisagem desta fitofisionomia. Os Campos, descritos por Avé-Lallemant onde “tudo é coberto de densas matas de araucárias” (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 50), no início do século XIX, pelos viajantes, tiveram um período de intensa devastação no século XX. Inúmeros fatores alteraram drasticamente esta paisagem entre eles o aumento da população nas décadas 1940 e 1950. Nos dados de exportação percebe-se que a araucária, se comparada com outras espécies, foi a árvore mais explorada da Mata Atlântica, até mesmo quando comparada à Amazônia. (CARVALHO, 2006: 154)

No município de Vacaria no Rio Grande do Sul no censo de 1920, entre as atividades listadas estava extração do solo, cuja população dedicada a este trabalho era de 5.778; dedicados à indústria 430 (BORGES, 2001. p.87). No censo de 1940 consta para agricultura, pecuária e silvicultura uma população de 7.270 (BORGES, 2001: 88). A floresta passa a ser considerada uma riqueza a ser explorada muitas vezes sobrepujando o status econômico que era dado ao gado, nos Campos de Altitude. Seus lucros eram cobiçados pelas municipalidades que consideravam a floresta como uma riqueza “pública” e pelos madeireiros que justificavam a importância da profissão para o “progresso” das cidades. Em um manifesto de apoio a diminuição dos impostos, em Vacaria nota-se a ideia presente nas instituições da época de que a Floresta deveria ser utilizada intensamente:

São, num certo sentido, os bandeirantes dos novos tempos; vencem a floresta, penetram nas matas, abrem clareiras, traçam e constroem estradas pioneiras, colonizam o solo e fazem surgir de dentro do primitivismo da selva, o pendão da civilização e do progresso (...). A medida que os pinhais vão se extinguindo a agricultura vai surgindo. (...) Extinto o pinhal fica uma zona povoada, áreas cultivadas, estradas abertas. Têm-se a impressão que a morte do pinheiro é uma semente de vida. Para os homens ele representa a atração na investida contra os matos, como as esmeraldas atraíram Fernão Dias Paes Leme (...). Beneficiam, grandemente, os municípios em que operam criando núcleos de povoação (...)
(Jornal Correio Vacariense. 02 de janeiro de 2000:02)

O “progresso” advindo do avanço das indústrias madeireiras previa organizar os espaços, com ocupação e agricultura intensiva. A Floresta de Araucária era motivo de atração comparado às “esmeraldas”, mas que esta riqueza seria substituída pela agricultura resultando em uma intensa devastação. Desse modo, em Vacaria atualmente de uma área de 212.666 hectares existem somente 13.733 hectares de remanescentes florestais. (Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica, 2008-2010: 89)

Sem dúvida, as paisagens descritas pelos viajantes sofreram intensas modificações e alterações não somente visuais como drásticas mudanças nos ecossistemas ali presentes. As araucárias, que dividiam espaço com os Campos, foram desmatadas e tiveram sua área de ocupação reduzida. Analisando a conjuntura de conservação nacional, atualmente, os Campos de Altitude estão ameaçados com uma intensa fragmentação e descaracterização. (BOLDRINI, 2009: 10).

Referências Bibliográficas

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pelo Sul do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

BOLDRINI, IlsiIob (orgs.). **Biodiversidade dos campos do planalto das araucárias**. Brasília: MMA, 2009.

BRINGMANN, Sandor Fernando. **Índios, Colonos E Fazendeiros: Conflitos Interculturais e Resistência Kaingang nas Terras Altas do Rio Grande do Sul (1829-1860)**. Florianópolis: Dissertação Programa de Pós- Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de; UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Programa de Pós-Graduação em História. **O desmatamento de florestas de araucária e o Médio Vale do Iguaçu: uma história de riqueza madeireira e colonizações**. Florianópolis, 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Narrativas sobre o Brasil alemão ou a Alemanha brasileira: etnicidade e alteridade por meio da literatura de viagem. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, jan./dez. 2005.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DREYS, Nicolau. **Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1961.

MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina**. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2009.

PILLAR, Valério de Patta. **Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: MMA, 2009.

SILVA, Vicente de Paulo da. Paisagem: concepções, aspectos morfológicos e significados. **Revista Sociedade e Natureza**. Uberlândia. 2007, junho.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

SIMMEL, Georg. **A Filosofia da Paisagem**. Covilhã: LusoSofia, 2009.